

Memória e imagem do idoso como experiência pedagógica

Benalva da Silva Vitorio¹

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, são fortes desafios que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

Jesús Martín-Barbero²

Enquanto se introduzem novas modalidades no sistema educativo, graças ao avanço de tecnologias no campo da Comunicação Social, há professores que permanecem estacionados no autoritarismo, “*como reação à perda de autoridade*”, diante de novos saberes que os alunos trazem para a sala de aula. Hoje, como afirma Martín-Barbero³, “*diante do professor que sabe muito bem recitar sua lição, senta-se um alunado que, por osmose com o meio-ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras, que circulam pela sociedade*”.

Frente a esse quadro, é preciso rever a Escola para que se transforme em espaço propício à autodeterminação dos sujeitos envolvidos, como laboratório a novas experiências pedagógicas, novas práticas docentes, onde se aprenda a convivência uns com os outros e se harmonizem diferenças. Para tanto, será preciso romper com o sistema educativo centrado apenas na escola e no livro e enfrentar o desafio de transformar o espaço escolar em “*ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos*”, como preconiza Martín-Barbero⁴, ao reivindicar a existência da cultura oral e audiovisual sem desconhecer a cultura letrada, mas juntando a ela “*as múltiplas escritas que hoje conformam o mundo da informática e o audiovisual*”, trabalhando também a “*oralidade cultural das maiorias*”, porque “*o mundo das piadas e das narrativas orais, o mundo dos provér-*

bios e dos ditos populares, o mundo da música popular narrativa e do rap deslocam, também, a partir de suas próprias gramáticas, ritmos e prazeres, o ascetismo triste do autismo livresco”.

Mas nem sempre é possível realizar essa tarefa, sobretudo no cotidiano acadêmico. Normalmente, nesse meio, docentes e discentes se fecham em suas áreas, em suas especialidades (até mesmo no âmbito da Comunicação Social) e “olham” fascinados a mídia com seus produtos e atores, procurando dar conta, de forma isolada, da complexidade desse campo. Esquecem, ou simplesmente ignoram, o diálogo necessário entre as disciplinas, entre as áreas de conhecimento, para se elaborar, como propõe Baccega⁵, “*um aparato conceitual que coloca os meios no centro das investigações e procura dar conta da complexidade do campo*”.

Daí a pertinência em destacar o alerta feito por Martín-Barbero⁶ a respeito do que ele chama “*esquizofrenia cultural*”, ou seja, os dois tipos de saber que dividem os cidadãos, na sociedade moderna, onde a comunicação se converte em “*ecossistema*”.⁷ Por um lado, o saber que lhes concede o diploma como passaporte ao mercado de trabalho e ascensão social; por outro, o saber que lhes permite compreender as mudanças do sistema produtivo e inovação da sociedade.

A exemplo desse autor, defendemos o segundo tipo de saber, aquele que promove a autodeterminação dos estudantes para que sejam capazes de respeitar o que está posto, conviver com o novo e harmonizar as diferenças. Para tanto, a Escola precisa trabalhar com o saber difuso e descentrado que circula na sociedade, além dos muros da sala de aula, considerando a cultura oral e a audiovisual, respeitando a leitura e a escrita como meio de criatividade, procurando aproximação com o mundo da imagem, entendendo a sua língua. Como justifica Martín-Barbero⁸, “*a escola desconhece tudo*

o que de cultura se produz e transcorre pelo mundo audiovisual e pelo da cultura oral: dois mundos que vivem, justamente, do hibridismo e da mestiçagem, da mistura de memórias territoriais com imaginários deslocados. Enfrentemos o mal-entendido”.

A experiência pedagógica

Na trilha desse desafio, elegemos o idoso, que ganhou a atenção da mídia, da Igreja Católica e do Governo, em 2003, como temática para o desenvolvimento de pesquisa-ação com os nossos alunos em três cursos de graduação da UniSantos, nos quais ministramos disciplinas relacionadas nossa formação: Comunicação Social, Geografia e Nutrição⁹. O que pretendíamos, no início do ano letivo, era somente promover a integração entre jovens e idosos, em meio dissolução dos laços afetivos que caracteriza a sociedade do século XXI. No decorrer do trabalho, porém, constatamos que poderíamos estender nossa “viagem” e alcançar resultados no sentido do que defende Baccega¹⁰, ou seja, de que as pesquisas resultantes do diálogo entre os saberes “*permitem apontar os meios de comunicação como os maiores produtores de significados compartilhados que jamais se viu na sociedade humana, reconhecendo-se, desse modo, sua incidência sobre a realidade social e cultural*”.

A estrutura desse nosso trabalho, portanto, compreendeu duas etapas. No primeiro semestre, os alunos conversaram com idosos a respeito de problemáticas referentes às suas áreas de formação. O roteiro da entrevista aberta consistiu em indagações por parte dos alunos, o que permitia a organização da narrativa dos idosos quanto aos assuntos de interesse nas respectivas áreas de formação, ou seja: fatos/acontecimentos que marcaram, no passado, a vida dos idosos (jornalismo); imagens de pessoas ilustres e instituições importantes que ficaram na memória (relações pblicas); produtos e marcas de consumo na juventude (publicidade e propaganda); alimentos e refeições na família, em outros tempos (nutrição); transformação do meio ambiente (geografia).

O desdobramento do trabalho, no segundo semestre, contou com a participação apenas dos alunos do curso de Comunicação

Social, que procuraram compreender como o idoso apareceu na mídia, entre os meses de agosto a outubro. Para tanto, cada grupo de alunos escolheu meios de comunicação social para acompanhar relatos jornalísticos, peças e campanhas publicitárias, programação de lazer, analisando a mediação do comunicador social (jornalista, relações públicas e publicitários) entre o idoso e a sociedade.

Participaram do trabalho 260 alunos na primeira etapa e 200 na segunda, organizados em grupo de estudo, em cada uma das turmas. No final de cada semestre, os grupos expuseram os resultados da pesquisa-ação em seminário, discutindo propostas e refletindo sobre a contribuição da atividade para o crescimento individual e compreensão da sociedade¹¹.

Da aproximação à descoberta

A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original puxado por outros dedos.

Ecléa Bossi¹²

Já se conhece, de acordo com os resultados do censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2000, o aumento da população idosa no Brasil¹³. Porém, na medida em que aumenta o tempo de vida dos brasileiros, a idade cronológica, diminui o respeito, mingua a paciência, esgota a consideração para com aqueles que, não sendo mais jovens, não tendo mais capacidade plena de produção, vivem à margem do Outro, em estado de exclusão social.

Com recursos financeiros reduzidos pensão e aposentadoria insignificantes diante do que precisam para tratamento de saúde, alimentação e lazer a que tem direito, no tempo em que deveria ser de descanso, os idosos deixam-se morrer, levando consigo relíquias da sabedoria. Muitas vezes, como “estorvo” na vida familiar, são “depositados” em asilos e casas de repouso, onde esperam o tempo passar até que chegue o seu tempo: o da morte.

Bosi¹⁴ descreve esse tempo da vida “*natural como a cor da pele*”, lembrando os preconceitos que cercam o idoso, as dificulda-

des que enfrenta “*para continuar sendo um homem*”. Mesmo que não seja castigado por alguma falha ou distração, mesmo que não seja atingido por algum infortúnio, ele geralmente perde a razão de viver ou descobre a ausência dessa razão, considera Beauvoir¹⁵, em estudo sobre “*a velhice*”, justificando o conformismo do idoso na espera da morte.

Mas, para manter os projetos vivos e afastar o fantasma da morte, o idoso precisa do Outro, da sua atenção, além dos cuidados que a idade avançada carece. Aí está a importância da memória como trabalho. Lembrando, refazemos, reconstruímos, repensamos, “*com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado*”, considera Bosi¹⁶, explicitando a lembrança como sobrevivência do passado.

A lembrança de uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. [...] ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Ao trabalhar com a memória, no encontro entre idosos e jovens, reelaboramos o que foi com a proposta do que é para se construir o futuro. Lembrando o que diz Chau sobre o trabalho de Bosi¹⁷, “*ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão*”.

Aí está uma das justificativas para a primeira parte do trabalho que realizamos com nossos alunos da graduação, em 2003. Ao convocar a memória de idosos a respeito de objetos que constituem a base para a preparação profissional desses jovens, eles procederam a leitura de vozes dos que falaram (como trabalho de lembrar, da memória) para a construção de objeto simbólico de análise (discurso de idosos), procurando compreender sentidos possíveis a respeito de acontecimentos, imagens, produtos, práticas culturais, meio ambiente, conforme a problemática levantada em cada um dos cursos envolvidos, nas respectivas disciplinas.

Trabalhando com a memória, resgatamos a arte de contar histórias, acolhendo o conselho no ato do falar vivo. Isso porque acreditamos no que Bosi¹⁸ afirma sobre “*a arte da narração*”, que “*não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiências dos que o escutam*”.

Contudo, na atualidade, neste tempo de globalização da sociedade do espetáculo, a narração foi substituída pela informação fragmentada que a mídia difunde enquanto novidade “*e só tem valor no instante que surge*”. Assim a informação “*se esgota no instante em que se dá e se deteriora*”. A narração é diferente, ela “*não se consoma, pois sua força está concentrada em limites como o da semente e se expandir por tempo indefinido*”. A essa consideração, Bosi¹⁹ compara a situação do “*receptor da comunicação de massa*” como “*um ser desmemoriado*”.

Cabe à Escola, portanto, reverter esse quadro, trabalhando as competências nos dois pólos da comunicação (enunciador e enunciatário), revendo e discutindo histórias, propondo alternativas que conciliem universos, linguagens e percepções; ativando, enfim, memórias para evitar o que Martín-Barbero chama de “*esquizofrenia cultural*”.

Com o propósito de recuperar a capacidade de escuta dos jovens, procuramos orientá-los como ouvintes que, esquecendo-se deles próprios, pudessem penetrar na história dos idosos, de tal forma que a arte de narrar fosse transmitida de maneira natural e agradável. Constatamos, com essa prática pedagógica, que a partir do encontro foram recuperados fios de uma rede artesanal, tecida em milênios: a narrativa, forma artesanal de comunicação.

No encontro de tempos diferentes, não houve substituição, mas o complemento do artesanal com o tecnológico: anotação e gravação dos relatos: sobre guerra mundial, ditadura militar, racionamento de comida, censura das palavras; filmagens das rugas com histórias, das mãos trêmulas a pedir carinho, do olhar distante recuperando lembranças, tecendo caminhos na relação entre universidade e sociedade.

No cruzamento dos fios de histórias do passado, surgiram novas histórias que os alunos construíram como artesãos de uma

sociedade mais justa, onde idosos e jovens possam conviver, trocando experiências com mútuo respeito, vincadas de solidariedade. Na metáfora da viagem, vencendo distâncias, os universitários renovaram suas bagagens, porque o saber não está somente nos livros. No encontro de descobertas, jovens e idosos teceram a substância social da memória, da lembrança, a fim de não se perderem histórias pessoais que ajudam a construir o conhecimento.

O idoso na mídia

Em 2003, especialmente no segundo semestre, a mídia destacou o Brasil de cabelos brancos, e o idoso foi assunto de pauta em diferentes situações. Homenageado na Campanha da Fraternidade da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –, que conclamou Vida, Esperança e Dignidade a essa população significativa no país, o idoso conquistou o seu Estatuto, sancionado em 1º de outubro pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. No entanto, foi vítima da medida arbitrária do ministro da Previdência, Ricardo Berzoini, que suspendeu o pagamento das aposentadorias aos segurados com mais de 90 anos, até a prova de que estavam vivos, comparecendo aos postos da previdência. O sacrifício nas filas, registrado pela mídia, revoltou os brasileiros.

Além dessas e outras pautas nos noticiários, o idoso mereceu destaque na programação televisiva de lazer com abordagem polêmica: a maldade da neta em *Mulheres Apaixonadas*, novela de Manoel Carlos, veiculada no horário nobre da *Rede Globo*; o modernismo da Avó Layla, em *Malhação*, que passou no vestibular de Direito e assumiu o cotidiano dos jovens na universidade.

E os nossos alunos do curso de Comunicação Social deram conta dessa gama de produção da mídia sobre os idosos, contando, muitas vezes, com o apoio da família para a gravação de programas da televisão, seleção e recorte de matérias impressas, esclarecimento de fatos do passado, a fim de que pudessem estabelecer relação com “o mundo de hoje”.

Nos seminários²⁰, observamos que os alunos, além de confirmarem premissas que investigamos em nossa tese de doutorado²¹,

levantaram questões pertinentes para a continuidade do estudo sobre o idoso e os meios de comunicação social, como desafios aquisição do saber e formação da cidadania.

Sobre a escassez de produções voltadas para o idoso, o jornalista e diretor do Centro de Produção de Cinema e Televisão da Universidade de Brasília, Paulo José Cunha, observa o seguinte:

Emissora alguma se arrisca a colocar no ar um programa especificamente destinado ao público da terceira idade, porque teme ser carimbado de “televisão de velho” e, com isso, perder a audiência das demais faixas etárias. Desde o departamento comercial até a teledramaturgia, os estereótipos apontam para a necessidade de não se mostrar o velho ou, se tiver de mostrá-lo, que se mostre um velho que quer ser jovem, que precisa ser jovem, que não pode jamais “sucumbir” à própria velhice.

Desafios

“A mídia continuará a dar espaço ao idoso, nos próximos anos?”. Essa questão, no nosso entender, sintetiza a preocupação levantada pelos alunos no decorrer dos seminários. Nas diferentes mídias e tipologias textuais, os estudantes constataram o que afirmou o editor de um jornal local: “o idoso aparece na mídia quando a pauta pede”.

E a pauta pedia, como apuraram os alunos, sempre os mesmos assuntos: doença / saúde / medicamento, aposentadoria, denúncia de maus tratos e abandono. Informações de problemas descontextualizados, sem apontar alternativas para solução. Isso no que se refere ao cidadão comum, porque o famoso sempre tem espaço para ilustrar matérias sobre esporte, lazer, qualidade de vida, beleza, viagem e “*outras maravilhas que não fazem parte do cotidiano da maioria dos idosos excluídos na mídia*”, como desabafou uma aluna. Excluídos eles estão também na Internet, de acordo com o levantamento dos alunos em diversos sites para idosos, com predominância de programas para “*diversão dentro de casa*”: jogos de carta, receitas culinárias, palavras cruzadas etc.

Na publicidade, o idoso quase sempre aparece em situações forçadas para que haja aproximação com o universo dos mais jo-

vens. Com isso, algumas peças publicitárias ridicularizam a condição de idoso para vender produtos destinados aos mais jovens. A questão, como enfatizou um dos grupos envolvidos no trabalho, não é o idoso “*ser jovem, mas parecer jovem*”. E essa diferença entre *ser* e *parecer* não é contemplada devidamente nas peças publicitárias, em que os idosos aparecem deslocados como protagonistas em situações persuasivas, de forma grotesca.

Na programação de lazer, sobretudo na dramaturgia, a abordagem foi mais convincente. Quase todos os alunos fizeram alusão aos idosos de *Mulheres Apaixonadas* e *Malhação*, estabelecendo relação entre a trama desses dois programas televisivos e situações em suas vidas familiares. Exemplo da aluna que relatou a aproximação com a avó alcoólatra, enquanto realizava o trabalho; do aluno que confessou ser “*um inútil*”, pois o avô trabalha para pagar a mensalidade do seu curso. A idosa Layla, de *Malhação*, considerada “*a avó do sonho*” para uns e a que envergonharia outros, ganhou mais destaque entre os alunos do que o casal Flora e Leopoldo, vítima da neta Dóris, em *Mulheres Apaixonadas*. Para os jovens, herói não tem idade, principalmente quando desafia as regras do jogo, quando introduz o novo, o diferente, na mesmice do cotidiano. Essa “*lição*” deve ser aprendida em nossas Escolas.

Com essa experiência, a questão que colocamos é a seguinte: jovens e idosos estão preparados para a alteridade, estabelecendo a relação do *Eu* com o *Outro*, consciente-

mente, no processo de transformação do todo? Como explicam Seabra e Muszkat²² a identificação de si mesmo, que existe no encontro com o Outro, realiza-se sempre num determinado momento histórico-social entre dois seres na luta pela sua existência. E esse momento, no nosso entender, começa na Escola, com pedagogia e currículo capazes de oferecer oportunidades para que os estudantes desenvolvam capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença. “*Pedagogia*” significa “*diferença*”. Assim Silva²³ explica o ato de educar, que “*significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto*”.

No país de diversidade como o nosso, a sugestão de Oliveira (2004) complementa o que procuramos investigar com os nossos alunos, ou seja: “*o que nos une é mais forte do que aquilo que nos separa*”. Mas discordamos do autor, ao considerar que “*a diversidade seria a nossa identidade*”. Nesse sentido, aderimos à posição de Silva²⁴, que aproxima a diferença do múltiplo e não do diverso, propondo um currículo e uma pedagogia da diferença e da multiplicidade, com possibilidade de abertura para um outro mundo, o da comunicação, que Martín-Barbero²⁵ aconselha a enfrentar como desafio ao sistema educacional, “*desmontando*” a “*pretensão*” da cultura letrada “*de ser a única cultura digna desse nome e o eixo cultural de nossa sociedade*”.

Bibliografia

Baccega, Maria Aparecida, / A construção do campo Comunicação/Educação/, in: *Comunicação & Educação*, ano V, nº 14, So Paulo, Moderna, jan. / abr. 1999, 7-16.

Beauvoir, Simone de, / *A velhice*: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos/, tradução por Maria Helena Franco Monteiro, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa, / *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos/, 6. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Martín-Barbero, Jesús, / Desafios culturais da comunicação educação, in: *Comunicação & Educação*, ano VI, nº 18, São Paulo, Segmento, mai. / set., 2000, 51-61.

Seabra, Zelita, **Muszkat**, Malvina, / *Identidade feminina*/, Petrópolis, RJ, Vozes, 1985.

Silva, Tomaz Tadeu da, / A produção social da identidade e da diferença/, in: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.), *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais, Petrópolis, RJ, Vozes, 2000, 73-102.

Oliveira, Roberson de, / *A literatura e a questão da nacionalidade*/, 01 de janeiro de 2004. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u14675.shtml>>. Acesso em 03 de janeiro de 2004.

⁸ Jesús Martín-Barbero, / *Desafios culturais da comunicação à educação* /, São Paulo, Segmento, 2000, 57.

⁹ As disciplinas que ministramos são as seguintes: Comunicação Comparada (aos alunos do curso de Comunicação Social, nas habilitações de Jornalismo, 3º e 4º semestres), Publicidade e Propaganda (1º e 2º semestres), Relações Públicas (1º e 2º semestres); Comunicação Ambiental (aos alunos do 1º e 2º semestres do curso de Geografia com ênfase em Análise Ambiental); Desenvolvimento da Comunidade e Comunicação (aos alunos do 1º semestre do curso de Nutrição).

¹⁰ Maria Aparecida Baccega, / *A construção do campo Comunicação / Educação*/, São Paulo, Moderna, 1999, 9.

¹¹ Número de alunos em cada turma: 60 em Nutrição, 10 em Geografia, 77 em Jornalismo (40 no período noturno e 37 no matutino), 24 em Relações Públicas, 99 em Publicidade e Propaganda (29 e 36 no período noturno e 34 no matutino).

¹² Ecléa Bosi, / *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos /, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, 90.

¹³ De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2000, dos 169.590.693 brasileiros residentes no país, 14.536.029 estavam na faixa etária acima dos 60 anos. O índice de crescimento, de 1991 a 2000, saltou de 4,8% para 5,9%.

¹⁴ Ecléa Bosi, / *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos /, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, 79.

¹⁵ Simone Beauvoir, / *A velhice*/, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, 544.

¹⁶ Ecléa Bosi, / *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos /, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, 55.

¹⁷ Ibid, 21.

¹⁸ Ecléa Bosi, / *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos /, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, 85.

¹⁹ Ibid, 87.

²⁰ Como procedimento metodológico do trabalho, os seminários consistiram no momento de exposição sobre os resultados e reflexão a respeito da problemática. Portanto, combinamos o seguinte: a cada falta nas aulas referentes aos seminários, o aluno perderia meio ponto na média entre as notas do relatório de pesquisa e a do seminário.

²¹ Benalva da Silva Vitorio, / *O sentido da TV no cotidiano do idoso*: Análise de Discurso como prática teórica transformadora, 2003. 218f., tese (doutorado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de So Paulo, São Paulo.

²² Zelita Seabra, Malvina Muszkat, / *Identidade feminina*/, Petrópolis, RJ, Vozes, 1985, 20.

²³ Tomaz Tadeu da Silva, / *A produção social da identidade e da diferença*/, Petrópolis, RJ, Vozes, 2000, 101.

²⁴ Ibid, 100.

²⁵ Jesús Martín-Barbero, / *Desafios culturais da comunicação educação*/, São Paulo, Segmento, 2000, 57.

¹ Universidade Católica de Santos – UniSantos / SP / Brasil.

² Jesús Martín-Barbero, / *Desafios culturais da comunicação à educação*/, São Paulo, Segmento, 2000, 55.

³ Ibid, 55.

⁴ Ibid, 54-57.

⁵ Maria Aparecida Baccega, / *A construção do campo Comunicação/Educação*/, São Paulo, Moderna, 1999, 9.

⁶ Jesús Martín-Barbero, / *Desafios culturais da comunicação à educação* /, São Paulo, Segmento, 2000, 55.

⁷ Tomando a Colômbia como modelo, Jesús Martín-Barbero aponta dois tipos de dinâmica que promovem as mudanças na sociedade latino-americana: “a de uma comunicação que se converte em ecossistema e a de uma forte diversificação e descentralização do saber”. Para o autor, ecossistema comunicativo “é a relação com as novas tecnologias, com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens” (2000,55).